

Resenha

INTERESPAÇO

Revista de Geografia e Interdisciplinaridade

RESENHA

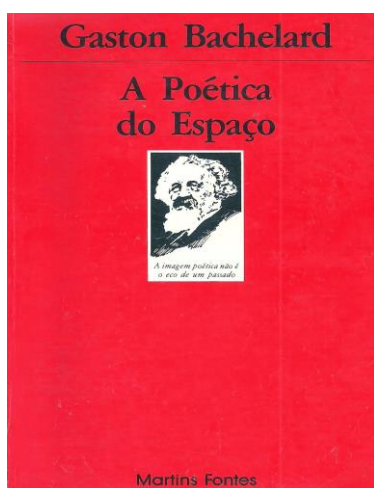
BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Márcio José Celeri

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Rio Claro. Professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.
marcio.celeri@ufma.br

Marcio Roberto Pereira

Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Assis-SP. Professor do Departamento de Literatura – UNESP/Assis-SP.
marciorpereira@uol.com.br



Contrário à ideia de que o espaço da casa represente um objeto, o capítulo I, da **Poética do espaço**, de Gaston Bachelard, reflete sobre as relações simbólicas pelo viés da relação realidade e imaginação na construção de um ideário marcado pela fenomenologia.

Essa linha leva à reflexão em torno das relações oníricas que simbolicamente transcendem do espaço físico e da materialidade, muitas vezes pensada em seus atributos utilitários, e nos faz perceber a ideia de que “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (p. 358). Assim sendo, a simbologia da “casa” — refletida em muitas outras imagens como abrigo, refúgio, aposentos, entre outros — torna-se o elemento de unificação e integração do homem frente um mundo de dispersão dos sonhos, das lembranças e do pensamento do ser humano.

No entanto, a casa também possui espaços que representam o refúgio de emoções — sótão, porão, corredores — que são desvendados pela toponímia: “o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos da nossa vida íntima” (p. 360). Trata-se não apenas do consciente, mas das relações entre espaço e inconsciente em a leitura da realidade transcende para camadas psicológicas que denotam e conotam informações cruzadas sobre a relação entre o ser e o espaço, indo da noção de felicidade às memórias de infância.

Assim: “A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões e ilusões de estabilidade. Reimaginamos constantemente sua realidade: distinguir todas as imagens seria revelar a alma da casa; seria desenvolver uma verdadeira psicologia da casa” (p. 366). O

resultado dessa ordenação está na representação da casa como ordenação de imagens que a torna um ser vertical, muito ligada à ideia de consciência ou, por outro lado, a imagem da casa como um ser concentrado em que se enfatiza a “consciência de centralidade”.

A relação consciente e inconsciente — realidade da casa e do espaço de forma concreta e realidade do espaço de forma abstrata — indicam a relação junguiana com a realidade e seus símbolos. Essa relação pode ser observada em obras literárias que situam heróis numa relação estreita com o espaço, como Edgar Allan Poe e Henri Bosco. Nesse escritor, a composição do espaço do porão representa as relações de inquietude que permeiam a trajetória do herói. Nota-se que na narrativa literária o espaço adquire o caráter de poético ao estabelecer relações simbólicas e semióticas com as peripécias que envolvem os dramas e aspirações dos personagens. Esse mundo simbólico funde elementos de compreensão do herói frente espaços cuja representação transcende o material para representações simbólicas, conforme as diretrizes de Jung.

Segundo Gaston Bachelard (1993, p. 374),

Seguindo nosso método, quisemos guardar a colagem das imagens que recusa uma anatomia absoluta. Tivemos que evocar incidentalmente a cosmicidade da casa. Mas será preciso ainda voltar a esse caráter. Devemos agora, depois de ter examinado a verticalidade da casa onírica, estudar, como anunciamos anteriormente, os centros de condensação de intimidade em que se acumula o devaneio.

A partir dessas reflexões, na busca do devaneio no espaço da casa, o autor buscará espaços de simplicidade em que o sótão e o porão dão lugar a espaços mais amenos e idealizados como a casa da infância, a cabana e da casa natal, cuja representação está ligada ao equilíbrio, à proteção e lembranças que percorrem o mundo das lendas e histórias que lembram o “impulso inicial” de tempos de equilíbrio.

Após “ler” a casa e o quarto, o segundo capítulo, intitulado “A casa e o universo”, recorre ao mundo de espaços do quarto e da casa, narrado por grandes escritores. De Baudelaire a Thomas de Quincey, de Rilke a Bosco, observa-se a construção do espaço em sintonia com as representações conscientes ou inconscientes que perpassam a literatura de fundo intimista. A casa ou o quarto tornam-se elementos de extrema importância para a compreensão de personagens que tem suas personalidades marcadas pela relação com o espaço, seja pela memória ou pela observação e reconstrução de um entendimento da realidade marcado por intensas contradições e pela sugestão.

É melhor deixar as ambivalências dos arquétipos envolvidas em seu valor dominante. Eis porque o poeta será sempre mais sugestivo que o filósofo. Ele

tem precisamente o direito de ser sugestivo. Então, seguindo o dinamismo que pertence à sugestão, o leitor pode ir mais longe, longe demais (BACHELARD, 1993, p. 389).

Os poetas e escritores representam, segundo o Gaston Bachelard, os mestres que nos fazem refletir sobre as diversas imagens que associam-se à memória, à infância, à passagem do tempo e a precariedade de representações que constroem-se na relação entre homem e espaço. Assim sendo, os sonhos adquirem uma importância crucial na reorganização da intimidade e na imprecisão da vida interior. Dos sonhos para o devaneio e para a visão literária ou poética da realidade delinea-se a tensão entre o mundo físico e a imaginação. “Toda imagem é reveladora de um estado de alma” (p. 401).

Dessa forma, a imagem da gaveta, do cofre, do armário, compõem a preocupação do capítulo III (A gaveta, os cofres e os armários), vinculados ao pensamento de Bérghson, fazem uma distinção entre a utilização da imagem e a utilização da metáfora como representação da realidade que contrapõe essas mesmas imagens ao ninho do capítulo IV (o ninho). Em ambos os capítulos reflete-se sobre a percepção de adaptabilidade de heróis, como o Quasímodo, que buscam uma relação de compreensão da realidade em espaços que transcendem, como no caso da obra de Victor Hugo, a relação entre espaço público e espaço privado. Não é por acaso que *Notre-dame de Paris* tenha como espaço a catedral que serve de abrigo (ou ninho) a um ser que fica entre o monstro e o humano. Um ser de sombras e luzes, que procura na imagem da catedral o símbolo do descanso, da tranquilidade e da casa simples.

Nota-se a transposição de catedral em “casa simples” para Quasímodo, porque os dois espaços se fundem numa representação de olhares ora de dentro, ora de fora da catedral, assim como da representação do herói frente à realidade.

Essa é a mesma preocupação que percorre o capítulo V (A concha), em que:

A concha vazia, como ninho vazio, sugere devaneios de refúgio. É sem dúvida um refinamento do devaneio seguir imagens tão simples. Mas o fenomenológico tem necessidade, cremos, de atingir o máximo de simplicidade. Acreditamos, pois, que há interesse em que se proponha uma fenomenologia da concha habitada (BACHELARD, 1993, p. 425).

Tais imagens, enfim, resultam numa acentuação da dialética entre a representação do real e a reconstituição poética da realidade em que o sonho e o devaneio adquirem um diálogo com a realidade que traz uma *compreensão fenomenológica* da realidade por meio de matices dialéticos pelos quais a imaginação dá vida a imagens mais simples. Da catedral para o ninho ou do quarto para a concha, a procura de reflexões sobre a relação eu/mundo

percorre uma infinidade de imagens e representações que distanciam-se ou se aproximam de uma abstração por meio da perspectiva do poeta.

“Com os ninhos e as conchas estávamos evidentemente diante de transposições da função de habitar. Tratava-se de estudar as intimidades quiméricas ou grosseiras, aéreas como um ninho na árvore ou símbolos de uma vida duramente incrustada, como um molusco na pedra” (p. 444). Assim inicia-se o capítulo VI (Os cantos), que aproxima a solidão, a imaginação, o esconder-se, a confabulação a espaços de “se esconder da vida” ou, como bem define Gaston Bachelard, negam o Universo. O canto representa também procura de uma tomada de consciência frente o universo e a significação da vida (veja como exemplo a leitura que Sartre faz de Baudelaire) a partir de pequenos olhares sobre um espaço dos detalhes e da simplicidade.

Dos cantos, o caminho abre-se para os capítulos VII e VIII, em que o devaneio ganha proporções (no sentido figurado e sentido literal da palavra) em que existe uma tentativa de reconstrução da proporcionalidade do espaço e de heróis (como o pequeno polegar) na relação com a realidade espacial.

O capítulo VII reflete sobre uma visão espacial diferente da proposta no capítulo VIII, em que a “imensidão” reflete uma busca existencial numa espécie de “meditação-exaltação” cuja transação da espacialidade poética produz “infinitos diferentes” em buscas de grandezas relativas.

É nessa tentativa de compreensão de espaços via poético que chega-se a uma noção mais amplificada das relações com o espaço via representação pela arte. No capítulo IX (A dialética do exterior e do interior) e no capítulo X (A fenomenologia do redondo) buscam-se reflexões sobre problemas fenomenológicos que demonstram o caráter contraditório e dialético da realidade e da representação dessa mesma realidade.

Em suma, o pensamento de Gaston Bachelard tece reflexões tão sutis que aproximam o espaço da poesia e da arte à reflexões filosóficas e psicológicas que buscam na imagética e na fenomenologia os alicerces para as complexas relações entre o homem e o espaço.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Recebido para avaliação em 04/01/2018
Aceito para publicação em 08/04/2018